

Incorporando nosso lado verde

Profa Dra Waverli Maia Matarazzo-Neuberger¹

Se você quiser construir um navio, não comece pela madeira, cortando troncos ou distribuindo tarefas, mas desperte no coração das pessoas a vontade de ver o imenso mar sem fim.

Antoine de Saint-Exupéry.

Vou começar lançando um desafio: esqueça o título deste ensaio e as expectativas que ele gera e feche os olhos neste momento e pense em qualquer paisagem do Grande ABC. Aposto que você pensou em alguma área urbana ou ainda, induzido pelo título, em algum parque e praça pública. Você pode também ter pensado em nossas zonas industriais e nas nossas áreas de comércio especializado ou não. Tem afinal tantas paisagens que evocam a memória desta nossa região! Talvez você tenha visualizado a Represa Billings, que nos últimos anos, foi cada vez mais envolvida pela área urbana e cujas lutas históricas pela sua conservação estão bem marcadas em todos nós. Mas duvido que você tenha pensado nas áreas ainda cobertas por Mata Atlântica, que todo mundo chama sem a menor cerimônia de mato e que ficam tão na periferia de nossa região, que já nem identificamos como nossa.

Onde você vê a Borda do Campo eu vejo a Borda da Mata, de uma formação única, com tamanha riqueza que tem despertado o interesse do mundo todo. Vejo nascentes de água cristalina a menos de 20 minutos de nossos centros urbanos, que abastecem a Represa Billings e que originam a água consumida por todos nós. Vejo uma miríade de diferentes espécies: aves, insetos, pequenos mamíferos, lagartos, árvores, arbustos e cipós e muitas flores de diferentes cores que se alternam embelezando a vida de quem passa rapidamente pelas estradas que cortam nossas últimas reservas. Esta formação não é um mato qualquer: tem nome, sobrenome e pedigree. A Mata Atlântica é o segundo ecossistema mais ameaçado de extinção do Planeta; só as florestas de Madagascar estão mais ameaçadas. Apesar disso, ela mantém índices altíssimos de biodiversidade (um dos maiores do mundo), que a classifica como um *hotspot*, ou seja, um lugar onde existe uma grande riqueza de diversidade biológica e que ao mesmo tempo tem sua conservação ameaçada (ISA, 2007). É ainda uma prova viva de uma característica importante de todos os sistemas naturais: a resiliência, que é a capacidade que um sistema tem de absorver

¹ Coordenadora do Núcleo e Agência Ambiental e do Curso de Gestão Ambiental da Universidade Metodista de São Paulo e Coordenadora de Pós-Graduação do Centro Universitário de Santo André.

os distúrbios, mudar e mesmo assim manter suas funções e estruturas básicas (Walker e Salt, 2006).

Talvez você ache que eu tenha uma visão nostálgica, do passado, porque afinal historicamente, a maioria das cidades cresceu e prosperou retirando produtos e alimentos dos ecossistemas que as rodeavam e, pouco a pouco, ceifando sua fertilidade e alterando suas características. Não foi diferente com o Grande ABC que por muito tempo fez parte do cinturão verde de São Paulo, desmatando áreas para produzir lavouras, produzindo carvão vegetal a partir de árvores da Mata para ser comercializado no Mercado Municipal de São Paulo e até mesmo comercializando animais silvestres, objeto de caça intensa. Hoje este processo de destruição destas cercanias com o propósito de utilização de recursos naturais não mais existe, substituído pelos baixos custos dos transportes, que garantem uma forma de explorar áreas cada vez mais longínquas para todas as cidades modernas (Girardet, 1999). A alteração desta paisagem é cada vez mais movida pelo crescimento desordenado, que promove a ocupação por moradias e, principalmente, pela falta de importância que a ela atribuímos, invariavelmente por pura ignorância.

Se você se identificou com as visões apresentadas no primeiro parágrafo, saiba que é bem provável que você tenha visto o passado e eu esteja vislumbrando o futuro. É isto mesmo, não é um jogo de palavras. Parece redundante reafirmar a importância das áreas naturais para nossa sobrevivência, mas muito tem sido descoberto nos últimos tempos sobre esta interdependência. Hoje sabemos que a contribuição das áreas naturais no que chamamos serviços ambientais é imensa. Trocando em miúdos, o conceito de serviços ambientais surgiu da necessidade de demonstrar que as áreas naturais cumprem funções importantes nos processos de manutenção da vida – toda a vida, inclusive a do homem – em oposição a falsa idéia de que ecossistemas intactos são “improdutivos” ou “obstáculos ao desenvolvimento econômico” (ISA, 2007).

Neste sentido, serviços ambientais são aqueles que a natureza presta para nós, seres vivos, ao absorver, filtrar e promover a qualidade da água, que bebemos e usamos; ao reciclar nutrientes e assegurar a estrutura dos solos, onde plantamos; ao manter a estabilidade do clima, amenizando desastres como enchentes, secas e tempestades; ao garantir e implementar nossa produção agropecuária e industrial, seja ao providenciar a necessária biodiversidade e diversidade genética para a melhoria das culturas ou para fármacos, cosméticos e novos materiais, seja complementando processos que a tecnologia humana não domina nem substitui como polinização, fotossíntese e decomposição de resíduos (ISA, 2007). Existe ainda o importante papel de absorção de dióxido de carbono e armazenamento de compostos de carbono, um dos principais gases causadores do efeito estufa, que florestas e ambientes nativos em formação ou recuperação exercem.

Neste contexto de prestação de serviços ambientais, a Mata Atlântica é importantíssima para cerca de 120 milhões de pessoas, 70% da população brasileira. A qualidade de vida deste contingente populacional depende dos serviços ambientais prestados pelos remanescentes desta formação, na proteção e manutenção de nascentes e fontes que abastecem as cidades e comunidades do interior, na regulação do clima, da temperatura, da umidade e das chuvas. Os remanescentes de vegetação nativa também asseguram a fertilidade do solo e protegem escarpas e encostas de morros de processos erosivos (ISA, 2007).

Se hoje já é possível pensar em pagamento pelos serviços acima enumerados, imagine daqui a alguns anos, uma vez que infelizmente a situação do Planeta e por conseqüente a nossa, se agrava a cada dia que passa. Baseado nestes serviços, os municípios poderão pleitear ressarcimento pelas áreas conservadas e este direito poderá se estender até aos proprietários. É baseado nestes serviços e na riqueza da biodiversidade deste ecossistema, que ainda cobre uma parcela considerável de nosso território é que afirmo que vejo o futuro, quando asseguro a importância crescente destes remanescentes e do significado que os serviços por eles prestados estão adquirindo.

Ademais, este é o Século do Meio Ambiente, com todos os desafios inerentes. Já está comprovado que o poder de destruição da nossa espécie não tem limites, embora nossa biomassa seja quase invisível de tão minúscula. É matematicamente possível empilhar todas as pessoas da Terra em um único bloco de 4 quilômetros cúbicos e esconder este bloco em alguma área remota do Grand Canyon, até que desapareça. Contudo, a humanidade é a primeira espécie da história da vida na Terra a se tornar uma força geofísica. O homem, esse ser bípede, tão cabeça de vento, já alterou a atmosfera e o clima do planeta, desviando-os em muito das formas usuais. Já espalhamos milhares de substâncias químicas tóxicas pelo mundo inteiro, já nos apropriamos de 40% da energia solar disponível para a fotossíntese, já convertimos quase todas as terras facilmente aráveis, já represamos a maioria dos rios, já elevamos os níveis dos mares, e agora, numa virada capaz de atrair a atenção geral como nunca antes se conseguiu, estamos perto de esgotar a água potável. Um efeito colateral de toda essa atividade frenética é a extinção contínua de ecossistemas naturais, junto com as espécies que os compõem. Trata-se do único impacto da atividade humana que é irreversível (Wilson, 2008).

Reverter todos estes problemas, eliminando-os ou minimizando-os é parte importante da agenda do século XXI que requer necessariamente: estabilização das mudanças climáticas; incremento substancial na eficiência do uso de combustíveis fósseis; rápida transposição para tecnologias baseadas em energias renováveis; estabilização e redução da população mundial; reversão da perda de florestas; proteção à biodiversidade; conservação do solo; reconstrução de áreas rurais;

eliminação dos resíduos tóxicos que espalhamos e redução da pobreza (Orr, 2004). Sai na frente quem pode oferecer os serviços ambientais tão necessários para resolver ou minorar estes problemas e nesta situação, apesar de sermos uma região urbanizada a tanto tempo podemos em algum destes pontos como reversão da perda de florestas, proteção a biodiversidade e conservação do solo ter um começo animador.

Mas não é só por causa deste interesse que devemos pensar em conservar esta rica herança natural. Cada forma de vida na Terra é uma obra prima da evolução, finamente adaptada ao nicho do ambiente natural em que ocorrem. As espécies que sobrevivem ao nosso redor têm milhares ou milhões de anos de vida. Seus genes, testados a cada geração pela implacável seleção natural, são programas codificados por incontáveis episódios de nascimento e morte. Varrê-las da face da Terra de uma forma tão descuidada é uma tragédia que atormentará para sempre a memória humana (Wilson, 2008).

Milhares de milhões de anos de evolução conjunta resultaram em uma capacidade inata que E.O.Wilson definiu como biofilia que resume a importância para nossa saúde e sobrevivência das conexões que nós humanos procuramos subconscientemente com o resto da vida. Seria na verdade surpreendente que ela não existisse (Orr, 2004). Esta afinidade pela vida, não implica em uma visão romântica da natureza, mas sim em um elemento fundamental de nossa própria existência que nos conecta com a natureza na qual evoluímos e que nos nutre e sustenta (Orr, 2002).

Retirar ou não reconhecer este elo enfraquece nossa sobrevivência e subtrai de nós uma parte vital de nós mesmos. Tomar consciência disto, reconhecer sua importância e reaproximar-se da natureza é algo mais que necessário. Considere a seguinte história retirada de Krafel (1999):

O menino da cidade nunca tinha estado em uma floresta antes e a possibilidade de ver vida selvagem o deixava excitado. Cada vez que ele via um pássaro, ele corria em sua direção, apontando exuberantemente com seus braços e gritando: "Olhe um pássaro, um pássaro!!" Cada ave fugia conforme ele corria e o garoto foi se sentindo cada vez mais frustrado. "Não é justo, Cada vez que eu vejo um pássaro ele voa". Eu sorri. Ele estava certo. Todo pássaro que ele viu realmente voou. O que ele não percebia e que era sua resposta ao vê-los, sua correria e gritaria, que os afugentava. Ele não entendia como ele influenciava o mundo que ele via.

No nosso cotidiano, mal percebemos que nossas presunções acerca da natureza estão baseadas no que vemos ao nosso redor. O que vemos normalmente,

especialmente nas cidades que tem dominado nossa cultura por milhares de anos, é a influência da nossa presença no mundo. Isto pode criar presunções falsas e profundamente arraigadas acerca da natureza que dão origem a ações que, geralmente, produzem resultados que não queremos (Krafel, 1999).

Se quisermos evitar estas ações e resultados é preciso aprender a enxergar e vivenciar a natureza de uma outra forma e, ter um território ainda com sua formação original, com toda a complexidade que ela traz, encerra uma possibilidade única de experiências e mudanças. Digo mais, embora possa não ser aparente, nas camadas mais profundas de nossa identidade como cidadãos do Grande ABC a presença onipresente desta mata, desta serra e desta represa deixam marcas indelévels que quanto mais rapidamente saírem do pano de fundo e forem resgatadas para o cenário principal, mais facilitarão nossa conexão com esta parte não reclamada de nossa identidade.

Por tudo que foi escrito acima e por toda a destruição que temos testemunhado impávidos em nossos jornais, televisões, internet e em nossos quintais é reconfortante saber que temos ainda como dar um passo à frente e trabalhar para mudar nossa percepção da natureza. Se buscamos o desenvolvimento sustentável temos que saber que ele só pode ser atingido em um nível local se implementado em um processo integrado, que inspire os cidadãos das cidades e dê a eles um senso de propriedade e envolvimento direto. Isto também deve incluir a percepção de que as cidades que construímos e o estilo de vida urbano que temos hoje irão afetar profundamente as chances das futuras gerações de moldarem seu futuro. Precisamos construir uma cultura de sustentabilidade que possa passar de uma geração para outra (Girardet, 1999). Nesta cultura está necessariamente inclusa nossa rica herança natural e a forma como a enxergamos e a consideramos.

Fica no final um convite. Aproxime-se desta mata, conheça-a e deixe-se levar pelos seus ruídos, cores, cheiros, formas e vitalidade. Você só poderá amá-la e sentir-se regozijado com isto se conhecê-la. Espero que você possa estabelecer um relacionamento profundo que tenho certeza irá acrescentar a sua cidadania "ABCDeana" tranquilidade, segurança de estar cumprindo seu papel com as gerações futuras que habitarão esta região e qualidade de vida.

Referências

Girardet, H. *Creating Sustainable Cities*. Totnes: Green Books. Schumacher Briefings vol 2. 1999.

ISA (Instituto Socioambiental). *Almanaque Brasil Socioambiental*. São Paulo: Instituto Socioambiental. 2007.

Krafel, P. *Seeing Nature: deliberate encounters with the visible world*. Totnes: Green Books. 1999

Orr, D. *Earth in Mind: on education, environment and the human prospect*. Washington: Island Press. 2 ed. 2004.

Orr, D. *The nature of design: ecology, culture and human intention*. Nova Iorque: Oxford University Press. 2002.

Walker, B. e Salt, D. *Resilience Thinking: sustaining ecosystems and people in a changing world*. Washington: Island Press. 2006.

Wilson, E.O. *A criação: como salvar a vida na Terra*. São Paulo: Companhia das Letras. 2008.